



M.<sup>me</sup> Poincaré e o presidente  
da Republica Franceza visitam Brive

PROPRIETARIO

*Joaquim Antonio Pereira Villela.*

DIRECTOR

*Dr. Francisco de Sousa Gomes Velloso.*

EDITOR

*Antonio José de Carvalho.*

ADMINISTRADOR

*Clemente de Campos A. Peixoto.*

## Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de  
informação graphica

Redacção, administração e typographia  
83, R. dos Martyres da Republica, 91  
BRAGA

### CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias (1 anno) . .	2\$400
» » (6 mezes) . . . . .	1\$200
» » (3 mezes) . . . . .	600
Estrangeiro (1 anno) . . . . .	3\$000
» (6 mezes) . . . . .	1\$500
Sendo a cobrança feita pelo correio, acresce o importe das despesas.	
Numero avulso . . . . .	60

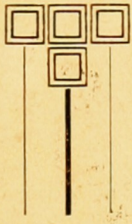
# Collegio Povoense

FUNDADO EM 1907

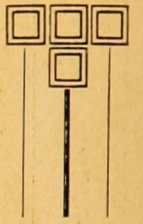
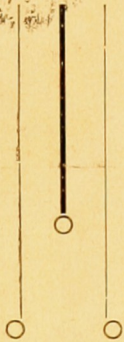
Pensão annual — 120\$000 reis

POVOA DE VARZIM

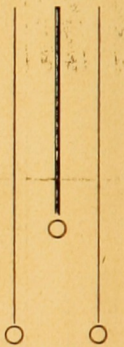
A MAIS LINDA PRAIA DO NORTE DE PORTUGAL



Estabelecimento  
modelar,  
optima installação,  
clima maritimo  
saluberrimo



Lecciona  
instrução primaria,  
curso geral  
dos Lyceus e curso  
commercial



Os alumnos habilitados por este Collegio tem obtido sempre bom resultado nos seus exames

DIRECTOR *P.<sup>e</sup> Manoel R. Pontes*

## Artigos Photographicos

As maiores novidades  
em chapas, aparelhos,  
produçtos, cartonagens  
e papeis.

Fornecedores dos principaes  
estabelecimentos scientificos.

Photographia artistica

Photo-miniatura

Photo-pintura

Quarto escuro e machina de  
ampliação á disposição  
dos amadores.

Lições praticas de photographia.

Acabamento de todos os  
trabalhos a amadores.

A nossa casa garante todos os  
artigos do seu commercio

Mandam-se catalogos gratuitamente,  
contra pedidos dirigidos ao

PHOTO-BAZAR

MAGALHÃES & CARVALHO

43, RUA DA FABRICA, 43 — PORTO



# ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica



Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela. Director, Dr. F. de Sousa Gomes Velloso

EDITOR  
Antonio José de Carvalho.

ADMINISTRADOR  
Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 4 de outubro de 1913

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA  
83, R. dos Martyres da Republica, 91  
(Antiga R. da Rainha—Braga)

Numero 14 — Anno I



VILLA DO CONDE—A igreja matriz.

*Bello monumento nacional fundado por D. Manuel I*

ISTO de suspensões de jornaes está sendo como as sezões: é dia sim, dia não, como diria Gervasio.

O *Dia* é o bode expiatorio das iras rubras das auctoridades, e mais doloroso se torna o supplicio, dada a cavillosa indiferença com que os restantes collegas consentem os attentados á liberdade d'um companheiro.

A lenda da solidariedade professional dissolve-se ante a crueza de tintas com que se coloreia a realidade; não passa hoje d'uma mentira a mais, contada no avultado numero das que nos tempos faceis da opposição foram utilizadas como cimitarras inclementes, fulminando o coio dos tyrannos...

Talvez os poetas expliquem a truculenta sanha da policia por um parallelo com o *cahir das folhas*, agora, no outomno, que já surge com as primeiras chuvadas e os primeiros frios, céos pardos, e a taciturnidade das tardes bafejadas d'um halito sêcco e leve de febre que mirra e flagella,—tempo de doenças, como o povo vaticina.

O governo, porém, recobra forças na Praia das Maçãs, vem de vez em quando a Lisboa tomar *douches* applicadas pela mão distrahida dos regadores das ruas, preparando-se para as apotheeses das festas do anniversario da Republica, e para a parada dos carroceiros, na Avenida, que certamente enlevará a curiosidade dos congressistas estrangeiros ao conclave do Livre Pensamento europeu, convocado pelo snr. Magalhães Lima.

E é prova de gratidão o auxilio e patrocínio prestado pelo nosso meio official a esta reunião.

Livre pensamento e maçonaria são synonymos, no dictionario politico e religioso, e o snr. Magalhães Lima—que se parece immenso com o Marquez de Pombal por ter o nome de Sebastião—já declarou lá fóra que a republica cumpriu e está cumprindo admiravelmente as injunções do Grande Oriente.

De sorte que podemos applicar a Portugal a phrase caustica d'um eminente prelado francez: — «não vivemos sob o regime republicano, vivemos em maçonaria»; e é bom acrescentar que mais ou menos vivamente tem sido o nosso ambiente inquinado por ella desde os alvares do constitucionalismo.

Ainda está por fazer toda a historia d'esse periodo, bem aclarada, embrechada de tantos episodios symptomaticos, que exporão á luz o veneno que nos depauperou, e malsinou o character a tal ponto que o perigo andava a nosso lado e não attentavamos n'elle.

A's vozes discrepantes retorquia-se com apòdos de reaccionario e serventuario dos jesuitas, e no emtanto o desfecho dos acontecimentos e a sua direcção, mostram que caminhamos na senda da expiação da grave culpa de não as havermos attendido.

Em 1877, por occasião do anniversario da sua

elevação ao solio pontificio, Pio IX avisava os peregrinos portuguezes:

«Tendes um terrivel e poderoso inimigo—é a impetuosa maçonaria que quer destruir em vós todos os vestigios do catholicismo.»

Ouvidos foram os avisos do Papa. Fructificaram em acção?

De maneira nenhuma.

Para elucidação, abramos as paginas d'uma obra recente do snr. Borges Grainha, que, a par de inexactidões, conserva revelações e confissões de grave importancia—a *Historia da Maçonaria em Portugal*. Um mappa dos diversos orientes da maçonaria portugueza e dos respectivos grãos-mestres desde 1804 a 1912 e quasi todas as paginas, desvendam-nos afinal com o descaramento d'um vencedor em trapaças, que durante esse tempo tão longo, e tão precioso para o levantamento e para a unificação moral da nação, nós fomos governados pela maçonaria, pelos seus aulicos, pelos seus grãos-mestres, entre as quaes se nota em 1849... um conego Eleuterio Castello Branco e em 1843 o celeberrimo padre Marcos que representava junto do Imperador brasileiro a qualidade de Papa, para não fallarmos em purpurados principes da Igreja.

... E' uma hora de expiação, uma hora de desenganos, uma hora de verificações a nossa!...

Mil oitocentos e trinta e quatro representa na historia patria um fosso para além e para aquém do qual correm duas epochas bem diversas, acêrca de cujo valor o intermino cortejo dos exemplos sociaes nos vae escrevendo a sentença unanime e inflexivel...

F. V.

## Roma, 20 de setembro



**E**

este o grande dia da Italia official, mas, apesar das bandeiras desfraldadas, das fanfarras, dos cortejos pomposos que percorrem as ruas, sente-se que fluctua no ar uma certa melancolia. N'esta epocha do anno, quasi fica sómente em Roma a gente proletaria. E esta—ainda a mais ardorosamente patriótica—tem a memoria do coração, mais fiel que os ricos e os afortunados. Guardou recordação estranhamente viva d'aquelle Papa, cuja santidade a voz do povo já proclamou, d'aquelle pae dos pobres, e tambem verdadeiro gentil homem que foi Pio IX. E n'este anniversario do dia em que a força desapossou o Pontifice da sua soberania secular, compraz-se ella em rememorar o Papa cujo derradeiro gesto foi uma benção!...

Conheci em Roma um velho que servira outr'ora no exercito pontificio. Nunca faltava, em 20 de setembro, na praça de S. Pedro. Aqui, ajoelhava sob as columnadas, durante o tempo de recitar uma oração, olhos presos n'aquella janella em que

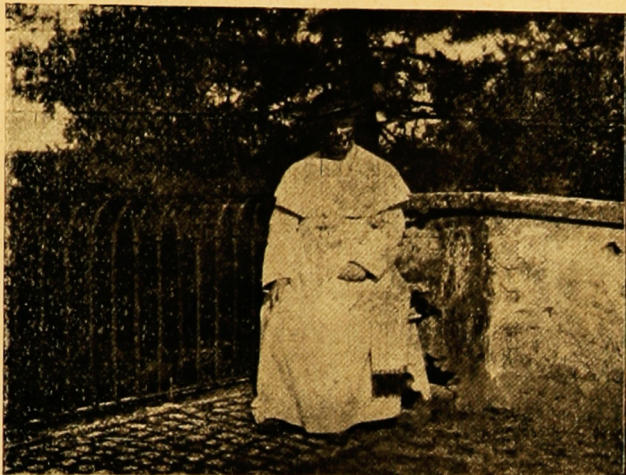


Pio IX appareceu pela derradeira vez. E caminhava depois até S. Lourenço *extra muros*, em peregrinação ao tumulo do Santo Padre.

Como todos os velhos, sentia-se feliz este veterano de heroicos prelios em defeza da Igreja, evocando as suas recordações. Concluia eu das suas narrativas que Pio IX foi um Papa extrema-

affirmava que *em casa dos Mastai-Ferreti, até os gatos eram liberaes*. Mas nimbava-o já a aureola de Santo.

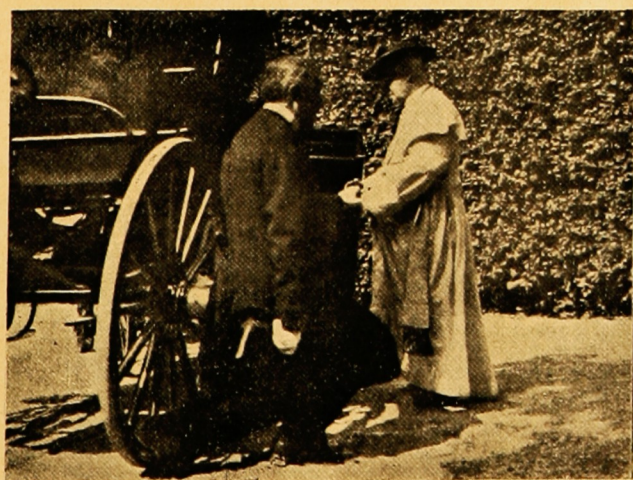
Conta-se que, na abertura do Conclave em que devia ser eleito, o cardeal Lambruschi foi visitar na sua cella S. E. Micara, decano do Sacro Collegio, e perguntou-lhe qual seria, na sua previsão, o novo Papa.



O descanço na varanda do Vaticano



O trabalho ao ar livre



O passeio matinal nos jardins do Vaticano

mente popular. Possuiu o coração, o espirito e as circunstancias que emolduram magnificamente a sua figura espiritual e doce.

Popular, era-o já antes da sua elevação ao pontificado. Um dictado, corrente então na Italia,



Ultima photographia de S. S. Pio X

—Se o diabo fizer a eleição, respondeu-lhe maliciosamente o antigo Franciscano, serei eu ou vós. Se o espirito de Deus a ella presidir, teremos por Papa a Mastai-Ferreti.

O coração de Pio IX, foram sobretudo os pe-



queninos e os humildes quem melhor o conheceu. Ao tempo da sua soberania temporal, muitas vezes o encontravam a pé, a branca sotaina coberta por um sobretudo preto, percorrendo os bairros miserandos.

Após o 20 de setembro de 1870, foi nos jardins do Vaticano que recebeu as *suas creanças*.

Os recantos e as alfombras d'estes jardins, repetem o seu nome. Habitado a uma vida activa, lá passava muitas horas dos seus dias, e para lá reservava a recepção das commissões, e as audiencias populares. Uma manhã de 1875, como viesse sahindo da matta, avistou um grupo de pastores da campina romana.

Conduzida pelo seu cura, esta boa e piedosa gente trazia em homenagem ao Papa cordeiros enfeitados, e suas mulheres, trajando pittorescamente, carregavam-se de flôres e de mo-

rangos perfumosos, colhidos nos pomares da Aricia e de Nemi. Pio IX aproximou-se d'elles, abençoou-os, acceitou as suas dadas, e deu-lhes em troca uma medalhinha de prata, acompanhada de uma espirituosa critica ao novo governo:

—Meus filhos, aqui está alguma coisa que já não vêdes ha quatro annos: dinheiro em prata, e não em papel!

Ainda n'estes jardins recebeu elle, uma manhã, uma deputação dos habitantes do Transtevero.



VILLA DO CONDE—Campo da feira



VILLA DO CONDE—Vista parcial





VILLA DO CONDE—O pelourinho

Queriam absolutamente vêr o Papa, que os jornaes diziam precariamente enfermo. Pio IX voltava do seu passeio.

—Fizestes bem em vir, meus amigos, lhes disse. Todos os catholicos estão aqui em sua casa, mas vós mais ainda, porque sois os mais proximos visinhos do Vaticano. D'esta maneira, vêdes com os proprios olhos se o Papa é vivo ou morto, se caminha ajudado por muletas ou arrimado a uma bengala, se passa bem ou mal. Emfim podeis testemunhar áquelles que vos pediam noticias, ácerca da saude do vosso velho visinho. Ora, n'este momento, não vae mal, o velho visinho, vosso Pae

□

que vos traz a todos no coração, meus queridos filhos. O bom Deus ainda lhe concede um pouco de força para cumprir a sua missão.

A sua affabilidade encantadora que lhe ganhava a dedicação de quantos d'elle se acercavam, ou a sentiam, uniam-se por vezes, a um espirito brandamente gracejador e incisivo, que justicava ridiculos e reduzia pretenções a poeira.

O principe de Bismarck e o seu embaixador, M. d'Arnim, sentiram-lhe os efeitos! Uma regra d'etiqueta não permittia a entrada nos pateos interiores do Vaticano senão a carruagens atrelladas a dois cavallos. O embaixador allemão pretendeu um dia entrar, n'uma carruagem tirada apenas a um cavallo. Os guardas oppuzeram-se, e Bismarck intimou ao diplomata uma ordem de se retirar de Roma immediatamente, se lhe não fosse concedido chegar, em tal carruagem, até ao primeiro degrau da escadaria pontificia. Planeava o chanceller prussiano a provocação d'um escandalo. Mas a pezada insolencia germanica quebrou-se contra o artificio italiano.

Pio IX fez escrever a d'Arnim, pelo cardeal Antonelli, que «Sua Santidade, tendo piedade das angustias da diplomacia, permittiria d'or'avante aos representantes das grandes potencias que viessem ao seu palacio com um quadrupede qualquer.»

Pio IX, era emerito em dar, sorrindo, licções inolvidaveis. Duas damas italianas haviam-se apresentado na audiencia, com penteados de extraordinaria altura e farfalhice, cuja extravagancia se salientava no meio das mantilhas pretas e do simples arranjo dos cabellos que é de bom tom adoptar em semelhantes conjuncturas. Nada escapou ao Papa: perguntou o nome de tão excentricos personagens.

—São as damas Guerrieri, responderam-lhe.

—Ah! sim, tornou Pio IX muito alto para ser ouvido. Bem as reconheço pela cimeira do capacete!...

□  
○  
○



VILLA DO CONDE—O caes

A popularidade de Pio IX era enorme tambem na America. Os americanos expressavam-lhe a sua dedicação com um senso pratico que lhes é peculiar, mas tambem com um *humour* que contentava o Santo Padre.

Ainda é lembrado no Vaticano um bom bispo d'além-mar que um dia pediu para vêr o Papa. Segurava na mão uma grossa vara coberta de veludo que o convidaram a abandonar, tal como a etiqueta o exigia.



O bispo recusou: não podia caminhar sem aquelle apoio. Foram contal-o ao Papa.

—Que entre! que entre, disse Pio IX. Se traz uma bengala, julgo que não é para me zurzir com pancadas!

O bispo foi introduzido. Então, depoz a sua vara aos pés do Santo Padre deplorando nada lhe offerecer de mais digno d'elle. A vara era uma barra d'oiro massiço!

... Foi a 19 de setembro de 1870 que o povo de Roma viu pela ultima vez o Papa no meio d'elle. Pio IX dirigira-se á praça de Latrão onde benção as suas tropas e os seus fieis. Depois, reentrou no Vaticano, d'onde não mais sahiu.

No dia 20, pela manhã, o exercito italiano atacou a Porta Pia. De madrugada, o corpo diplomatico accorrêra junto do Soberano Pontifice e assistira á sua missa. Pelas 9 horas, o Papa recebeu os diplomatas no seu gabinete de trabalho em que se passou solemne quadro. Em curtas phrases com-

Algumas horas mais tarde, o exercito pontificio, reunido na praça de S. Pedro, esperava o signal da partida. Umaz apoz outras, as companhias movimentavam-se e tomavam a direcção da Porta Angelica.

Os zuavos ficaram os ultimos.

No momento em que iam pôr-se em marcha, o coronel Allet, um heroe descendente de heroes (1), que os commandava, deu voz de formar quadrado, a face para o Vaticano.

E tirando a sua espada, n'uma derradeira saudação ao seu soberano, atirou á alma incendiada dos seus bravos soldados, ainda uma vez, o grito de batalha e de fé, que elles repetiram:

—Viva Pio IX, Pontifice e Rei!

O brado dos jovens heroes de Castelfidardo chegou ao coração do Papa, que annos antes es saudara, n'um transporte: *ecco i miei zuavi!* mas agora, fechado, prisioneiro voluntario, no fundo do seu palacio.

Pio IX marchou vivamente para a janella que as suas mãos tremulas abriram, estendeu os braços, e abençoou ainda, aquelles que elle amava, e chamava as suas creanças!...

E desde este dia, e depois d'esta benção, já-mais foi visto o Papa ás janellas do Vaticano...

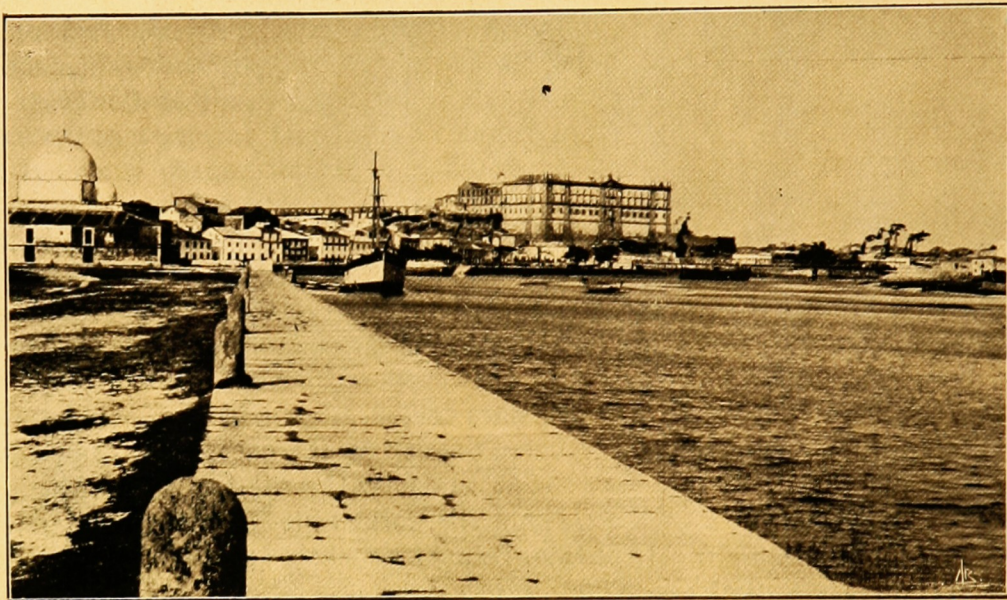
MARCOS HÉLYS.

(1) O coronel d'Allet era descendente d'aquelle que na batalha d'Ivry, commandava os suissos que haviam dito: *Pas d'argent, pas de Suisses.*

O coronel nada tinha com isto. Mas quando na manhã da

batalha, Henrique IV passando a cavallo deante do regimento, exclamou: *Ides ver quem se bate sem dinheiro,* o coronel respondeu: *Sire, acabaes de assignar a minha sentença de morte.* E fez-se matar á testa do regimento, que não hesitou em seguir o seu exemplo.

N. do T.



VILLA DO CONDE—Panorama visto da barra

(Clichês de J. Carlos R. d'Almeida)

moventes, Pio IX recordou uma outra circumstancia critica do seu pontificado, a sua partida para Gaêta. Devêra então a sua salvação á dedicação do ministro da Baviera, o conde Spaur, e á intelligencia de sua esposa, uma franceza, que com o concurso do embaixador da França, d'Harcourt, tinha organizado a evasão do Papa.

—Eu queria poder dizer-vos, Senhores, accrescentou elle, que conto comvosco e que um de vós, terá a honra de arrancar a Igreja e o seu Chefe á atribulação, como out'rorra. Mas os tempos mudaram, e o pobre velho Papa já não conta com ninguem cá na terra!

A's 10 horas, um official do general Kanzler trouxe a noticia de que a brecha se abria e o assalto era imminente.

A situação era desesperada.

Pio IX desligou então as suas tropas do juramento de fidelidade e recommendou os seus soldados aos representantes das nações christãs que o rodeavam.

## FIGURAS DA BEIRA

VI

Dr. Manuel Roseira

(CONCLUSÃO)



As Aulas Secundarias eram no rez-do-chão do paço episcopal. Sala severa, com muito de cathedratica. A tribuna do professor, mais alta do que o pequeno amphitheatro em que nos sentavamos, visionando já o tom e o perfume classico das bancadas universitarias. O velho Almeida, o bedel, careca e rugoso, impoz-se-me logo muito, e o dr. Roseira, ao falar-



nos, levemente gago, estorcendo um tanto a bôcca de labios muito sanguineos, aterrou-me, immobilizou-me.

Ao pé de mim, ficava o Joaquim Carmelino Gomes, que não sei se ainda é professor em Tarouca, rapaz liliputiano de estatura, escarninho, incorrigível caçador de môscas. Até esse estava sério, como eu, como o Accacio Guimarães, torcido e carancudo então, como o João Mendes, já finado como seu pae, como o Alfredo Mendes, que foi o ultimo governador civil de Lisboa na monarchia, como Antonio Serpa, o Manuel de Jesus Menezes, os Vieiras Ribeiros...



**José Isidoro Guedes**

(1.º visconde de Valmôr, fallecido ha muitos annos)

Mas passaram os tempos. O dr. Roseira, tão severo, era afinal, tolerante, como, sendo gago, era a cada passo eloquente. Sabedor, muito amigo dos aspectos anedoticos, grande respeitador de Herculano, Castilhã e Garrett, como de Quintilliano, Boi-

lau e Candido Lusitano, n'elle o rhetorico era todo regra e praxe, como paixão era n'elle tudo que ensinava sobre as litteraturas da Grecia e Roma. Comovia-se ao falar de Virgilio, sorria deliciado estudando Horacio, apumava-se, rigido e grave, ao destacar Tácito.

No ensino da Poetica, era todo castilhiano. Que, á prioridade, Castilho mais o empolgava do que Garrett. Depois de Camões e Bocage, de José A. de Macedo, cuja *Meditação* sabia de cór—apezar de ser o dr. Roseira tão camoneano e liberal — o *grande cêgo* era o seu *poeta*: devêras o seu *homem*. De Garrett, o que mais o enlevava eram as *Virgens da minha terra*, porque o dr. Roseira adorava o chiste leve e artístico, e até a pesada graça lusitana.

Volveram os tempos. Eu segui a torrente, espumosa e louca, da minha juventude.

Quando despertei para a vida pratica, encontrei na tranquilla quinta das Lages, pittoresca vivenda, o affecto, o prestimo, e protecção do dr. Roseira.

Eu tinha uma gazeta bi-semanal. Era aparentemente progressista. A rigor, o que ella pretendia era demolir os predominantes, feri-los com furia, ás vezes com ironia, como se tal fosse a minha missão nitida.

Pobre de mim! Vacillava entre a fé e a descrença, aturdiava-me no ataque a todos os que julgava poderosos e monopolistas de qualquer coisa — dinheiro ou influencia.

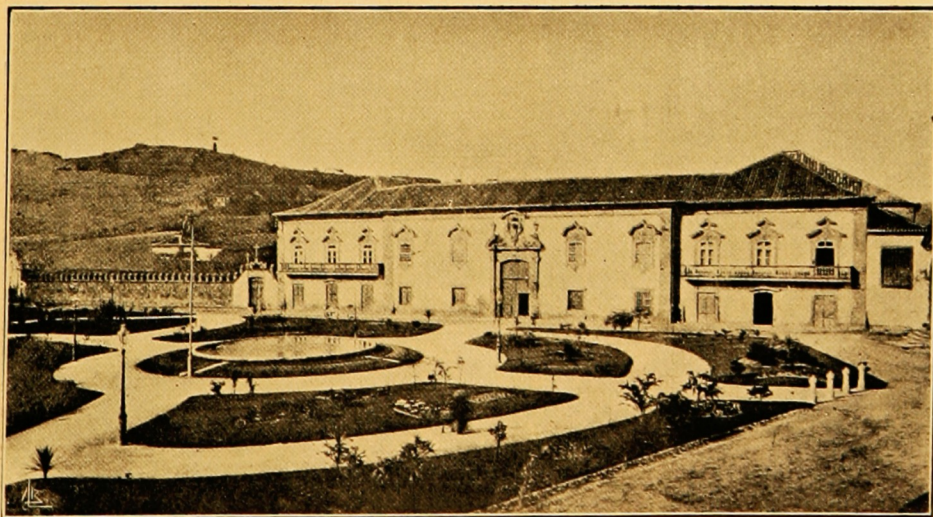
Porque? Nem eu o sabia. Assim, semeei ideias demagogicas, quasi acatholicas.

Depois, tive repellões de arrependimento. Encontrando o dr. Roseira, offereci-lhe a folha, e ouvi-lhe a mais estranha conciliação entre a liberdade e a religião.

Ao pé d'elle batalhei pelos progressistas, ainda que sem orthodoxia. Depois cahiu-me o bi-semanario. Mais tarde, tornei-me a encontrar com o dr. Roseira, a amparar-me um semanario que eu queria fazer religioso, sem saber como.

Frequentei-lhe as famosas *ceiras* de bacalhau, onde encontrei o Par do reino dr. Macario de Castro, o dr. Cassiano, o espirituoso João da Silveira, Monsenhor Alves da Fonseca, Ayres de Lemos, Oliveira Castro, Manuel Quintella, Costa Junior, José de Vasconcellos...

Entretanto, o dr. Roseira servia, quanto lhe era possivel, os interesses regionaes e locaes de Lamego. Fundador do grande Collegio, unica razão de ser do Lyceu, o qual, com o dr. Cassiano, dotou com uma bibliotheca de 2:000 volumes, o seu prestimo era tão constantemente valorisado como o seu prestigio. Coração sempre aberto como a bolsa, como a mesa, a sua chefatura politica nunca origou com a



LAMEGO—Paço Episcopal



mais ardente fé religiosa. Chegou a ver mal Antonio Candido por correr que o grande orador defendia o ensino neutro. E poucos, como elle, admiravam o grande orador.

Mas os achaques, a vida politica, um regimen tumultuario de saude, inutilizaram-no aos setenta annos. Agonizou largos mezes, com um ar desconchado, quasi tragico.

Sempre chefe do seu partido, embora já muito nominalmente, foi preciso verem-no morto, livido como um lençol, para lhe não sollicitarem mais a caridade e a bonhomia.

JOSÉ AGOSTINHO.

NOTAS—Manuel Antonio Lopes Roseira, nascido a 2 de novembro de 1829, era filho de Antonio Rodrigues Roseira e da Umbellina Lopes Esteves, natural de Covas do Douro, concelho de Sabrosa.

Frequentou no Seminario de Lamego de 1850 a 1853, e iniciou a ordenação com tonsura e menores a 1 de janeiro de 1853, obtendo o presbyterato a 9 do mesmo mez. A 13 de junho do mesmo anno de 1853, foi para Coimbra onde fez os exames preparatorios, matriculando-se depois na faculdade de Theologia. Bacharelou-se em 1858.

Iniciou o Collegio de Lamego em outubro de 1859. A portaria de 3 de junho de 1861 auctorisou-o a ensinar particularmente as disciplinas do ensino dos lyceus.

Conego da Sé da Guarda por decreto de 26 de abril de 1860, não tomou posse, sendo transferido para a Sé de Lamego, sendo a posse a 9 de março de 1862 e desde este anno até 1874 foi professor official no Seminario.

A 30 de julho de 1868, foi nomeado professor interino de Portuguez e Litteratura nas aulas secundarias. A interinidade foi elevada à effectividade por decreto de 7 de maio de 1885.

Arcypreste da Sé de Lamego por decreto de 20 de dezembro

de 1896, foi nomeado depois Deão da mesma Sé, tomando posse a 17 de novembro de 1889.

Foi valioso o seu prestimo na criação do Lyceu de Lamego em 1880.

De 1901 em diante, deixou todo o serviço externo. Falleceu a 10 de janeiro de 1907.



#### VIANNA DO CASTELLO.—Um naufragio.

*O barco de pesca 5859 da Povia de Varzim que na noite de 2 do corrente naufragou nas pedras de Cambôa, sendo salvos cerca da meia noite os seis tripulantes, quasi exhaustos de forças, pois luctaram durante algumas horas com a furia do mar, pela jangada dos soccorros a naufragos de Vianna do Castello a cuja praia foi arremessado desconjunctado.*

(Cliché do phot. amator sr. Mannel Affonso.)



BRAGA—Festa da primeira Communhão das creanças da freguezia de S. Martinho de Dume. O povo sahindo da igreja.

(Cliché do sr. Joaquim Soares)



# COISAS DA MINHA TERRA

Nas vindimadas



COMO um esbelto e ousado cavalleiro, o Sol, brandindo a sua flamejante espada d'oiro, investiu denodado contra o soturno exercito de trevas que velava a face da Terra, desbaratando-as e pondo-as em fuga desordenada.

E agora, ufano e bello como um heroe das eras medievaes, eil-o, na sua marcha triumphal e glorio-

—Hoje sim! nem uma nuvem. Appetece trabalhar!

—E rir.

—E cantar:

Sol amigo, barco d'oiro  
Navegando no alto mar:  
Quem me dera andar contigo  
Pelo céo a navegar.

—Cantas como uma sereia, Maria.

Por eu ser nova não cuides  
Que me fio em teus enganos  
Quem nasce com pouco tino  
Não no ganha á custa d'annos.

NO  
NO



BRAGA— Festa da primeira Communhão das creanças da freguezia de S. Martinho de Dume.  
Um aspecto da procissão.

(Clichê do sr. Bento Rodrigues)

sa, n'uma apotheose de luar e n'um entusiasmo de fogo!

Da Terra saudam-no as aves entoando gorgeios d'amor, os rios, canticos epicos e as fontes, murmurios de ternura.

Florestas e montanhas curvam a fronte á sua passagem; e o mar, n'um delirio immenso, applaude-o, constantemente.

O homem aproveitando os beneficios que elle derrama, bemdil-o no intimo do seu coração.

Lá surge uma ranchada alegre de vindimadores com cestas e escadas ao hombro, raparigas de saia sofraldada, olhos brilhantes, risos nos labios e braços nus.

—Que lindo dia!

O sino do campanario que vemos d'aqui alvejando entre o arvoredado, ergueu n'este momento a voz alegre e metalica repicando festivamente:

Dling, dling, dlon!  
Dling, dling, dlon!...

—Temos baptisado?

—Não. Foi *anjinho* que morreu.

—De quem?

—Foi o filhinho da Rita do Eido.

—Coitadinho! e elle estava doente?

—Não, não estava, ao menos que se soubesse; mas ha tempos andava amarellinho, amarellinho! hontem de dia deu a affligir-se muito, cada vez mais, até que, de noite, ficou-se como um passari-

NO  
NO



nho! ai! a pobre da Rita sempre tem um desgosto!

—Podera não! uma creança tão linda. Ainda para mais, morreu-lhe, não ha muito, o homem, na flôr da idade!

—E' verdade, é verdade! Pobre Lourenço! o filhinho, não sei, mas, decerto, morreu do mesmo mal. Vem chegando a queda da folha e a tysica dizem que se passa dos paes aos filhos...

Um sopro de tristeza, uma recordação amarga, enublou a fronte dos vindimadores.

As mulheres suspiraram e os homens emmudeceram.

Lá em baixo, no centro do valle o sino continuava:

Dling, dling, dlon!  
Dling, dling, dlon!...

Tinham chegado aos campos aonde iam vindimar. As arvores onde se abraçam as vides turtuosas e imbelles offereciam á vista, por entre a espessa ramagem, abundantes e formosos cachos d'uvas pretas.

dias, de faces levemente queimadas pelo ardor dos beijos do Sol.

Fizeram rodilhas de folhas de milho, collocaram os cestos á cabeça e ellas ahi vão a caminho de casa para lançarem as uvas no lagar.

Caminham em passo lento porque as uvas este anno degargam-se em vinho. Já o môsto lhes escorre pela testa.

—Ai, Theresa, disse uma das raparigas, as uvas este anno dão que fazer: tomára que se acabem as vindimas. Como os cestos escorrem! enso-pam-nos o cabello!

—Ora! não faz mal, respondeu a outra. E' vinho, e o vinho é alegria.

O sino que se callara por algum tempo recommçou:

Dling, Dling, dlon,  
Dling, Dling, dlon.

—Ai, pobre da Rita do Eido, disse aquella que se chamava Theresa. Tenho uma pena d'ella que nem fazes ideia, Maria. Em menos de um anno lá ficou sem o marido e sem o filhinho!



PORTO—A festa da Senhora da Luz na foz do Douro. Um aspecto da festa

Dentro em breve levantaram-se as escadas, inclinaram-se ás arvores, subiram os vindimadores, e as cestas, abarrotadas d'uvas, entre cantigas e gargalhadas, iam a despegar nos balseiros e lagares.

—Theresa, Maria? venham cá, disse o snr. Antonio da Bouça, que era o patrão. E' preciso irem levando cestos d'uvas para o lagar, que ha já bastantes cheios.

As duas indigitadas para levarem os cestos aproximaram-se. Eram duas raparigas novas e sa-

—E' verdade, Theresa!

—Quando me lembro do Lourenço, um rapagão fêro e bonito! (1) e eu que estive quasi a ser mulher d'elle!

—Ai, sim! elle fallou para ti muito tempo! nem me lembrava...

—Para cima de dois annos.

—E depois? como vos desaviestes?

(1) No Minho é muito vulgar, o emprego do vocabulo fêro com a significação de bem nutrido.



—A bem dizer, olha que não foi por coisa nenhuma...

—Ora essa!

—Costuma-se dizer—guardado está o bocado p'ra quem tem de o comer. E' porque já não tínhamos de ser um p'ro outro.

—E olha que tivestes sorte em não casares com elle. Estavas a esta hora viuva e assim, estás solteirinha que não ha vida melhor.

—Visto isso, então, fazes conta de ficar solteira?

—Emquanto me não apparecer coisa que me adite...

—Ah! então, obrigada! n'esse caso para que me gabas a vida de solteira?

E limpou uma lagrima que lhe saltava pelas faces. Depois continuou em voz commovida:

—Nós gostavamos bastante um do outro. Chegamos, por muitas vezes, a fallar da vida que levaríamos depois de casados e não contavamos com outra coisa; mas a gente põe e Deus dispõe!

Uma vez, faz agora annos, fomos á romaria da Senhora do Allivio; em lá chegando, depois de darmos duas voltas, o Lourenço metteu-se com os amigos a beber (que elle da pinguinha gostava!) e deixou-me para lá com as outras moças da freguezia.

Entretanto, um rapaz desconhecido começou a olhar-me, a olhar-me! mas eu, como estava á espera do Lourenço, não fiz caso d'elle; afinal, depois



PORTO—A festa da Senhora da Luz na foz do Douro. Outro aspecto da festa

(Clichés de J. Azevedo, phot. da «Ill. Cath.»)

—Porque é a mais alegre.

—E queres perde-la?

—Não queria, não! mas as outras casam-se tambem e a gente parece que se envergonha de não ter quem a pretenda...

—E' assim, é; mas, nós as mulheres somos bem tolas em nos casarmos. Vê lá tu! a pobre da Rita, em pouco tempo quantos desgostos não sofreu! não me sae da lembrança! apesar d'ella não gostar de mim!... como o homem, o Lourenço (Deus falle com a alma d'elle!) tinha sido meu namoro e, quando me encontrava, ainda gostava de rir-se comigo, ella, acho que tinha medo que eu lh'o tirasse...

—Quer não, que, agora, está guardado em lugar seguro, debaixo da terra ninguem irá busca-lo.

—Coitado! Deus lhe perdoe!

de esperar horas e horas sem que elle apparecesse, já meio agastada, principiei a fallar para o tal com o fim de me desaborrecer.

Vae n'isto, chega o Lourenço! foi o inferno! pegaram-se á bulha! tudo eram cabeças rachadas, porque os amigos d'um e do outro ajuntaram-se; tudo eram pragas contra as mulheres e sobre tudo contra mim, de modo que eu estava bem desgostosa e arrependida por ter ido á romaria. Por fim tudo se accommodou; mas eu não tornei a ver lá o Lourenço. Pelo caminho tambem me não appareceu.

Ai! como eu vinha, Maria! não chorava por vergonha; mas em casa, de noite, quando me vi sózinha, chorei, chorei, chorei! não preguei os olhos.

No domingo seguinte o Lourenço appareceu lá pelo lugar; mas eu é que não appareci. Tambem estava zangada.



Eu soube mais tarde que elle se arrependera do que fizera no Alivio; mas eu sabia lá o que elle tinha no coração!

Como eu lhe não appareci, elle tornou-se a agastar; emfim, andamos muito tempo de caprichos um com o outro, até que elle entrou a fallar com a Rita do Eido. O pae d'ella gostava do rapaz e principiou a arimal-os promettendo duzentos mil reis dados no dia do casamento, de modo que, um dia, sem eu sa'ber de nada, leram-se na egreja os proclamas que annunciavam o casamento dos dois. Ai! nem sei como não desmaiei com a paixão e com a vergonha.

O que eu chorei no dia da boda d'elles! Calouse para disfarçar um importuno suspiro.

No entanto o sino continuava:

Dling, dling, dlon!  
Dling, dling, dlon!...

Setembro de 1913. JOÃO DO OUTEIRO.

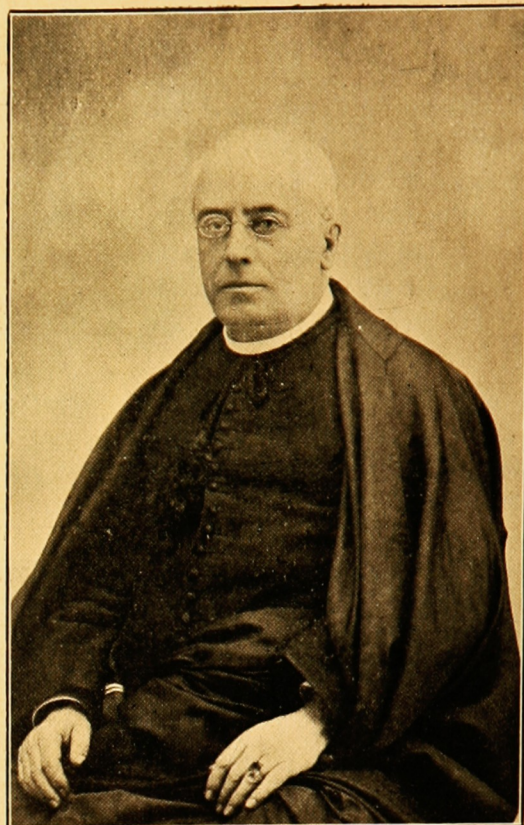
## Jesus

*N*uma serena tarde memoranda,  
A sua bocca de maguadas linhas  
Disse esta phrase commovente e branda:  
"Deixae-as vir a mim as creancinhas..."

*E nunca se acabou a vibração  
D'aquelle doce e caricioso apello;  
Chega ao Natal e as creancinhas vão,  
Maravilhadas, a beijal-o e a vel-o.*

*E o bom Jesus cuja tristeza ingente  
Lhe ensombra no Calvario o rosto fino,  
Para attrahil-as mais suavemente  
Desce da Cruz e torna-se menino.*

AUGUSTO GIL



Padre Manuel das Neves Pinto Brandão

(Fallecido em 28 de abril de 1911)

*Sacerdote exemplar, piedoso, muito entusiasta para promover, em Lisboa, festas esplendidas com rigor liturgico e por quarenta annos assiduo visitante do Santissimo Exposto em Lausperenne.*



Um grupo de condemnados politicos na Penitenciaria de Coimbra.



# O abastecimento das aguas da cidade de Braga

Em tempos idos ao fundar uma cidade procurava-se a proximidade de grandes cursos de agua para abastecel-a, ou que o entre-solo fosse d'ellas abundante. Hoje, já não é preciso isso, pois quando as cidades estão longe dos rios, a engenharia os traz para dentro d'ellas. Assim fez Lisboa com o Alviella e Braga o está fazendo com o nosso Cavado.

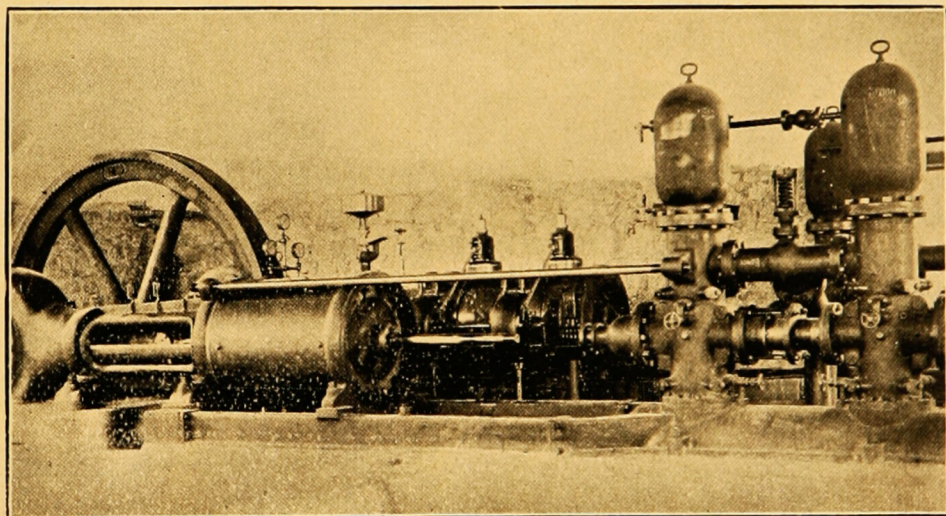
D. João V abasteceu a capital com um aqueducto que é um monumento. Um outro filho de D. Pedro II, ainda que natural, o sr. D. José de Bragança, Arcebispo e Senhor de Braga, Primaz das Hespanhas, pela mesma epocha canalizou para esta cidade, abastecendo os publicos chafarizes, a agua das *Sete-fontes*; agua abundante e fresca que aquelle logar offerece copiosamente.

Copiosamente, é um termo relativo, pois agora já não chega para o serviço da população que cresceu, augmentando tambem com mais acurada civilização as suas necessidades. Por isso, muito avisadamente andou a camara presidida pelo sr. dr. Domingos José Soares, começando o trabalho de abastecimento das aguas, alguns annos ha. A' que



Dr. Domingos José Soares,

*distincto clinico bracarense e presidente da camara municipal que deu principio aos trabalhos para o abastecimento das aguas da cidade.*



Machinismo destinado á elevação das aguas do rio para o reservatorio



Albauo Justino Lopes Gonçalves,

*major de infantaria 8 e presidente da actual commissão municipal em cuja gerencia foi concluida a grande obra do abastecimento das aguas.*

actualmente está gerindo o municipio coube a gloria de os levar a satisfactorio termo, o que é para a cidade um melhoramento importantissimo.

A falta de agua na cidade tem-se sentido n'estes ultimos tempos, para se satisfazerem as necessidades hygienicas de uma população, que hoje sobe já de 20:000 almas.

A abertura de novas arterias, a ligação por meio de carros electricos a Prado e ao Bom Jesus, o lançamento de jardins e alamedas ajardinadas, tudo isso demanda o uso de muita agua, que tambem se gastará em regas nas ruas, para as limpar e dar-lhes um aspecto de limpeza a que não es-





O sr. governador civil, comissão municipal, imprensa e mais convidados, chegam á margem do Cavado para inaugurar o machinismo.

tão habituadas. Por isso, este melhoramento é, sem duvida, o mais importantes dos que ultimamente se têm empreendido n'esta cidade.

Quando a camara de que fizemos menção discutiu qual a agua que se devia captar uns propunham a do rio, outros, porém, desejavam que se trouxesse de mais alto, do monte, o que, por dispensar machinismos, compensa-

va o dispendio de mais extensa canalisação.

A agua preferida pelos engenheiros foi a do Cavado captada em apropriados tanques e filtros junto á ponte do Bico. Ahi posantes machinismos, inaugurados recentemente com assistencia das auctoridades, da imprensa e muitos curiosos, a impellem para dentro de fortes tubos de ferro que galgando alguns kilometros de extensão, e a



Parte da casa das machinas e o reservatorio á margem do Cavado.



altitude de 200 metros a vão jorrar no deposito de Guadalupe. D'este, uma rede complicada a distribue por toda a cidade. Nas experiencias se tem gastado alguns dias; todavia é bem possível que, quando estas notas chegarem ás mãos dos leitores, já n'esta redacção corra a lymphá refrigerante roubada ás aguas do Cavado.

Braga deve estar verdadeiramente reconhecida para com os cavalheiros que constituíam a camara da presidencia do sr. dr. Domingos José Soares, pois ao seu trabalho e dedicação se deve um melhoramento de



Um dos primitivos depositos para o abastecimento das aguas nas Sete-Fontes, obra do Arcebispo e Senhor de Braga D. José de Bragança

tanta importancia como o do abastecimento das aguas.

Não deve, porem, esquecer-se a actual commissão municipal presidida pelo snr. major Albano Justino Lopes Gonçalves que teve a felicidade de, durante a sua gerencia, ver concluida um obra tão necessaria e util para o que concorreram enormemente os seus esforços.

A «Illustração Catholica» publicando os retratos dos srs. dr. Domingos José Soares e major Lopes Gonçalves presta assim homenagem publica á sua dedicação por esta linda terra.

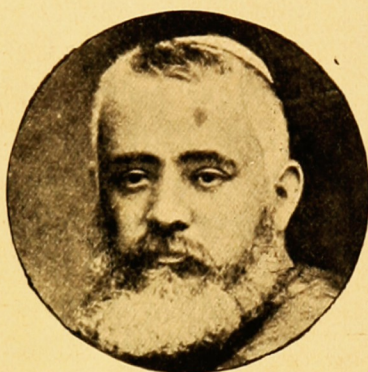


Os visitantes em retirada.

(Clichés do sr. Bento Alves da Silva, empregado nas offic. do sr. Fanzeres).



# NOTAS DO ESTRANGEIRO



**NOTAS DO VATICANO.**—Audience concedida pela Papa aos gymnastas catholicos—Foram visitar Sua Santidade varias secções que em Roma, e em honra das festas constantianas, tiveram um concurso internacional. O Papa recebeu os gymnastas na praça interior, de S. Damaso, commovidissimo deante d'aquella nobre e bella juventude que o acclamava.

**O Cardeal Vives y Tutó**—Falleceu recentemente este religioso hespanhol, da ordem dos capuchinhos. Era uma das figuras mais imponentes da corte pontificia, e gosava a maior confiança de Pio X, como já antes de Leão XIII, que lhe incumbira missões importantissimas, revelando-se então um grande diplomata. Era escriptor de nomeada, grande amigo de Portugal, e, tendo estudado a fundo os problemas actuaes, foi um dos martellos do Modernismo, que combateu como lhe cumpria. Deixa no Vaticano profundas saudades pela sua agradabilissima amabilidade, e pelo espirito piedoso que sempre o animara.



FRANÇA—Os habitantes de Verneuil-la-Côte saudando Poincaré

